

O mito de Hygieia e a medicina dietética: adoração à saúde e ritos higiênicos

The Hygieia myth and dietary medicine: worship of health and hygienic rites

Sussumo Matsui

Doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra (UC). Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Estudos Clássicos pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Resumo

Este artigo analisa a relação entre a incorporação de Hygieia à família de Asclépio e o surgimento da medicina dietética. Hygieia não tem um mito próprio, pouco sabemos sobre ela, e quase nada foi escrito ao seu respeito. Porém, a antiguidade tardia legou a reputação de uma das divindades mais poderosas. É ela quem sugere a escolha dos alimentos e os remédios apropriados para os males. Sua deificação e a de seu pai Asclépio estão relacionadas com a praga de Atenas que ocorreu durante a Guerra do Peloponeso. Porém o sucesso desta deusa alcançou mais que a Grécia clássica, chegando a ser venerada pelos romanos. Isso revela mais que uma preocupação com a volta da praga: era o surgimento de uma sociedade, que se preocupava com a saúde como sendo o maior bem.

Palavras-chave: Hygieia; Asclépio; Dietética; Praga; Alimentação.

Abstract

This article examines the relationship between the incorporation of Hygieia to the family of Asclepius and the emergence of dietary medicine. Hygieia does not have its own myth, we know little about it, and almost nothing has been written on her. However, the late antiquity has left the reputation of one of the most powerful deities. It was she who mysteriously suggested the choice of foods and the appropriate remedies for the ill. Her deification and that of her father Asclepius are related to the plague of Athens that took place during the Peloponnesian War. But the success of this goddess reached more than classical Greece, becoming revered by the Romans. This shows that there was more than a concern with the return of the plague: it was the emergence of a society that cared about, health is the greater good.

Keywords: Hygieia; Asclepius; Dietetics; Plague; Food.

Introdução

Na *Iliada*, encontramos uma descrição da família de Asclépio: Podalírio e Macáon eram seus filhos, eles foram dois médicos que lutaram bravamente na Guerra de Troia. Edelstein chama atenção para a figura do Asclépio homérico. Segundo ele, Asclépio era visto como um herói, um rei que envia tropas para lutarem junto com a expedição grega. Por volta do fim do século V e início do IV a.C., ele foi deificado e sua família aumentou. Foram acrescentados aos seus filhos Hygieia, Panaceia (a que tudo cura), Iaso e Akeso (ambos nomes relacionados com cura): dentre eles Hygieia era a deusa mais poderosa.

Mas a antiguidade confundia Hygieia com outras deusas. Parece que, no século V a.C., a sua identidade ainda não estava plenamente firmada. Ela estava ligada ao culto de Asclépio. Testemunhos posteriores viram um desenvolvimento de seu papel dentro dos rituais de cura. Contudo, permanece uma indagação: se Apolo e Asclépio já estavam ligados com a cura, por que acrescentar outra divindade?

Quase nada se escreveu até hoje sobre o mito de Hygieia¹. Ela aparece nos livros como uma nota de rodapé de Asclépio. Mesmo os artigos que são escritos sobre a deusa acabam se tornando simples verbetes².

Voltar ao mito de Hygieia significa revisitar os escritos hipocráticos, Tucídides, Platão e os poetas trágicos e cômicos que testemunharam uma transformação social da Atenas dos séculos V e IV a.C. Ao contrário de alguns dos mitos, que possuem relação com o imaginário grego e com o mais obscuro e sinistro da psique humana, o mito de Hygieia está relacionado com mudanças sociais, econômicas e políticas que afetaram e ainda afetam a vida humana em épocas de crise. Por isso, ele ainda é atual, não sobre a forma personificada da saúde, mas em um ritual higiênico presente em nossa época.

Isis, Athena, Asclépio ou Hygieia?

Hygieia pertencia à família de Apolo: ela era filha de Epione (aquela que alivia a dor) com Asclépio³. Monumentos antigos (COMMELIN 2011: 178-179) a representavam como uma deusa coroada de louro com um cetro na mão. No templo de Asclépio em Sicião, ela estava coberta com um véu. Em geral, Hygieia se apresentava com uma mulher sempre jovem, vestida recatadamente, com uma serpente ao redor de seus ombros ou do seu lado. Em uma de suas mãos ela segura um prato raso, onde a serpente se alimenta.

Edelstein (1998: 89) declara que havia uma confusão entre os atenienses, pois estes consideravam a deusa ora como filha ora como esposa de Asclépio. Frequentemente ela era relacionada com Ísis. Segundo Burkert (1991: 28), Hygieia era a própria Ísis. Ísis guarda estreita relação com Asclépio, pois em Atenas ela possuía um templo dentro do seu santuário. Acrescenta-se que nos santuários de Ísis também havia a prática da incubação.

Também havia em Atenas duas deusas que velavam pela saúde: Hygieia e Athena Hygieia (*Paus.* 1. 23. 4). A iconografia mostra que havia um tipo de simbiose entre as duas deusas (WALTERS 1899: 165-168). Athena Hygieia era representada com uma serpente e possuía os poderes de cura. Plutarco relata que Mnésides construía uma porta da Acrópole e a deusa Atenas o ajudava. Em um dado momento, o mais zeloso dos artífices escorregou e caiu do cimo do edifício. Ele foi desenganado pelos médicos e Péricles ficou muito desgostoso. À noite, a deusa apareceu para Péricles e lhe indicou o remédio. Acordando, ele seguiu as instruções da deusa e o artífice ficou curado. Então, Péricles mandou fazer uma estátua de bronze de Athena Hygieia.

¹Para Francis Croissant (1990: 554-573) o mito de Hygieia é desprovido de mitologia. Este mito pode ter sua origem em um culto bem antigo que foi anexado ao culto de Asclépio no século V. Porém a iconografia e a mitologia se mostram frágeis ao tentar representar o mito.

²Cf. Shampo; Kyle (1993: 441).

³Cf. Edelstein (1998: 89); Brandão (1987: 90). Commelin diz que a deusa era duplamente descendente de Apolo. Ele a toma como filha de Asclépio e Lampécia, que era filha de Apolo e Climene (2011: 179).

Sabe-se pouco sobre seus cultos. As curas eram realizadas pela epifania de Asclépio nos sonhos. Mas sabemos por Hero(n)das (4. 90-95) que os sacrifícios à Asclépio eram depositados perto da imagens da deusa. Segundo Dignas (2007: 169-170), o relato escrito por Hero(n)das está repleto de ironia, mas serve como um grande testemunho do ambiente interno do santuário de Asclépio. Ele descreve duas mulheres que estavam dentro do templo sacrificando um galo e admirando as “obras de arte”. A mulher que sacrificava, prometia que ia levar seu marido e seu filho. A *mime* termina com a mulher (Cynno) instruindo a sua escrava que dê uma porção do sacrifício (coxa) ao “sacerdote” e deposite uma moeda em uma caixa no formato de serpente. O resto do sacrifício deveria ser levado para casa e jamais deveriam esquecer de comer a Hygieia. Segundo Ateneu (115a), Hygieia era um pão de cevada que era degustado após o sacrifício. Burkert (1991: 120) vê aqui semelhanças com a Eucaristia⁴: o ato de comer o deus.

Existe um debate sobre o surgimento de Hygieia. Segundo Edelstein (1998: 89-90), os classicistas se dividem em duas opiniões distintas: parte acreditando que Hygieia era uma invenção dos atenienses e outra parte defendendo que seu culto teve início em Epidauro. Este debate ainda permanece aberto. Porém, muito mais importante para nosso tema é a investigação dos motivos, do *background* que possibilitou o surgimento desta adoração.

O contexto histórico-social do culto à Hygieia

Não faltaram explicações para tentar descobrir o motivo do surgimento do culto à Hygieia. Os historiadores, classicistas e filólogos se dividiram apresentando, juntamente com algumas evidências, as seguintes teorias:

a) Edelstein (1998: 87-89) afirma que Hygieia era uma emanção de Asclépio, ou seja, uma extensão

e uma intensificação do seu poder. Edelstein continua dizendo que Asclépio, quando passou de herói para deus, precisava de seus filhos, como um médico precisa de seus assistentes. Com o passar do tempo, as pessoas acostumaram com a ideia que ele estava sempre presente no templo e seus descendentes foram gradualmente sendo esquecidos;

b) por outro lado, Nilsson (1952: 359-360) declarava que o culto a Asclépio (e também aos seus filhos) era uma expressão de egoísmo de uma época, pois a sua adoração era desprovida de todo valor religioso superior. De acordo com ele, a superstição floresceu no período irreligioso;

c) Burkert não dá uma explicação direta ao mito. Ele simplesmente faz uma alusão que Asclépio é o “deus que traz ao indivíduo a sua saúde e salvação pessoais neste mundo” (BURKERT 1993: 418). Então, deduz que Hygieia seria uma divinização desta “graça” de Asclépio. Burkert nota que o culto a Asclépio e à saúde era privado, e que, no seu santuário, foi institucionalizado um serviço diário em honra ao deus⁵;

d) recentemente Emma Stafford (2007: 77-81) apresentou uma teoria de que a deificação de Hygieia está intimamente ligada com uma tendência à personificação, característica do século V a.C. Ela nota que não somente a Hygieia, mas a Harmonia, Persuasão, Boa Fortuna, Felicidade, etc, foram personificadas;

e) finalmente, Boyask (2007: 161-7) fala de uma relação entre o culto de Asclépio, Hygieia e Athena Hygieia com a peste que sobreveio sobre Atenas durante a Guerra do Peloponeso. Ele pensa que a tragédia que dizimou inúmeros atenienses teve efeito na imaginação grega que se propagou no teatro, nas metáforas, na vida religiosa, etc.

As explicações acima trazem consigo uma forte tendência reducionista. Acreditamos que nos assuntos da antiguidade, dificilmente podemos afirmar com certeza algumas coisas, como por exemplo, que a personificação ocorreu no século V. Parece que esta personificação das emoções, fatos e dados é anterior ao século V e se estendeu até no período romano.

⁴Para a relação entre o culto de Asclépio, Hygieia e o Cristianismo, ver Klauck (2011: 167-182).

⁵Geralmente o culto aos outros deuses tinha um contraste entre festa e cotidiano. Isso desaparece no culto de Asclépio.

Outra tentação reducionista seria dizer que a peste de Atenas (430/429 a.C.) foi o agente causador do culto de Asclépio e Hygieia. Existe um nexos entre a patologia social e o desenvolvimento da medicina: a doença é um dos fatores que forjam o destino dos homens, afetam a economia, os movimentos demográficos e a moral. Grmek (1983: 141-142) nota a transformação social da Atenas do século VI, que era essencialmente agrícola, para uma urbanização por meio do artesanato e comércio. Depois da Guerra do Peloponeso, a saúde pública entrou em declínio, não apenas por causa da peste, mas também por muitos outros fatores: o abandono da vida rural e por consequência o abandono da drenagem dos pântanos, a superpopulação urbana, e a insuficiência de esgotos e inspeção sanitária, bem como o deslocamento dos refugiados da guerra trouxe doenças gastrointestinais, malária, tifoide e tuberculose. Se valendo dos estudos da paleodemografia, Grmek (1983: 157) afirma que a média de vida do ateniense passou de 45 anos na época clássica para 42,4 anos nos séculos IV e III a.C. Sem dúvida, a peste abalou Atenas, mas não cremos que ela foi a única causa dos eventos imaginários da época clássica. Na verdade, os valores da *polis* estavam sendo substituídos pelo “maior bem” do ser humano: a saúde.

A polis e seus novos valores

A saúde foi duplamente deificada na época clássica. O culto à Hygieia foi introduzido em Atenas por volta do ano 420 a.C.⁶ (EDELSTEIN 1998: 89). No Juramento⁷, os médicos invocavam a Apolo e a Asclépio, seguido de suas filhas Hygieia e Panaceaia.

Enquanto isso, não faltaram encômios à saúde no século V a.C. Platão cita uma canção recitada nos banquetes (Grg. 451d-e), possivelmente da autoria de Epicarmo ou Simônides, onde o autor enumera os bens do homem: primeiramente a saúde, depois a beleza e a riqueza. Dodds (1959: 200-1) diz que o verso reflete a opinião da beleza segundo a aristocracia grega e a opinião do vulgo sobre a saúde, o que é confirmado por Aristóteles (Rh. 1394b).

Além disso, encontramos várias expressões no *Corpus hippocraticum* (Nat.hom. 23) que exaltam a

saúde como o maior de todos os bens do ser humano. No *Regime* (Vict. 69), depois que o autor descreve o regime anual dos menos favorecidos, ele se dirige a uma outra classe de pessoas que tem recursos financeiros e que reconheceram que a saúde é superior aos bens e às riquezas. Para elas, o autor hipocrático diz ter descoberto (ἔστί μοι δίαιτα ἐξυρημένη) uma dieta que se aproxima o mais possível do maior grau de verdade. Ele passa a explanar uma longa dieta (Vict. 69-85) que envolve a alimentação, as bebidas, o sono, as relações sexuais, o banho e os exercícios.

A medicina dietética não visava somente à alimentação, mas um conjunto mais vasto de atividades que incluíam o sono, os banhos, os passeios e a atividade sexual. A dietética ou o regime não deve ser visto como uma invenção grega. Em todo caso, os escritos hipocráticos são os documentos mais antigos sobre este tema e constituem uma informação rica sobre os alimentos, juntamente com a comédia antiga e as deduções feitas pelos estudos da arqueologia nas latas de lixo da antiguidade, no arado primitivo e nas lâminas de obsidiana (CRAIK 1995: 387ss). A dietética foi propícia para se construir uma medicina social que interagiu nas diversas interfaces de um costume ou ethos de determinado povo para, ou com o pretexto de curar as enfermidades.

No *Corpus hippocraticum*, a palavra *diata* aparece com o sentido de “tratamento”, mas a dietética não possui somente fins terapêuticos (JOLY 1966: 120-154)⁸: ela serve para preservação e promoção da saúde, bem como a prevenção das doenças. Ludwig Edelstein (1960: 303-16) e Philip van der Eijk (2005: 114) levantam a hipótese de que a medicina na época de Hipócrates estava dividida entre farmacologia, cirurgia e dietética⁹; e possivelmente a dietética também se subdividiu em uma parte terapêutica e outra parte higiênica (preservação da saúde).

⁶Antes disto Hígieia (Hígia ou Hígeia) não apareceu relacionada com a família de Asclépio (EDELSTEIN 1998: 89).

⁷A datação do Juramento é muito discutida. Acredita-se (JOUANNA 1992: 561) que ele foi utilizado primeiramente pelos médicos hipocráticos no século V ou IV a.C.

⁸Ver também, van der Eijk, 2005, p.113-4.

⁹Aff. 4, 9, 15, 18; Vid.Ac. 64; Morb.1.14; Acut.(Sp.) 4; Int.24, 50.

De acordo com Platão, o advento da medicina dietética fez o rico se tornar “nosotrófico”. Platão cunha a palavra “nosotrofia” (νοσοτροφία), isto é, o ato de criar, educar, alimentar, engordar (τρέφω) as doenças (νοσος). Segundo ele (R. 407b-e), os ricos abandonaram suas obrigações com a *polis* para cuidar de sua saúde, sempre reclamando, sempre parecendo estar doente, sempre se esquivando de responsabilidades com a desculpa que não faz bem à saúde.

Considerações Finais

A Grécia clássica experimentou uma dupla “deificação” da saúde. No plano religioso a filha de Asclépio personificava a dádiva do pai. Era também a comida que se degustava após o sacrifício. Ela foi confundida com algumas deusas: Ísis e Athena Hygieia. Mas logo se firmou como uma das mais poderosas deusas, sobrevivendo até o fim do “paganismo”. Hygieia (COMMELIN 2011: 179) sugeria misteriosamente a escolha dos alimentos necessários à existência e os remédios apropriados aos males. Ela também sustentava a força dos mortais, prevenindo as doenças.

Não estamos propondo que a criação do mito de Hygieia foi influenciada pela medicina dietética ou vice-versa. Para fazer tal afirmação, precisaríamos saber com certeza a data do surgimento de cada um deles. Mas parece que a Grécia dos séculos V e IV a.C. foi também a “Grécia da saúde”. A medicina dietética, com suas técnicas de prevenção da saúde, estendeu seu poder de influência em todas as áreas do homem: alimentação, relações sexuais, banhos e exercícios. A vida do homem estava “medicalizada”, a ponto de trocar a prática da virtude e da política pelo cuidado com a saúde.

Hoje, de formas diferentes, o culto à saúde continua. As estratégias de marketing das empresas farmacêuticas almejam as pessoas saudáveis. Qualquer queixa é transformada em síndromes de pânico. “O rolo compressor das campanhas publicitárias [...] transforma as pessoas saudáveis em doentes preocupados” (MOYNIHAN & WASMES 2007: 151). Ainda hoje, a medicina quer ter uma autoridade sobre a vida do ser humano: mesmo que ele não esteja doente. O pano de fundo é semelhante ao da Grécia clássica: a “idolatria” da saúde.

Referências bibliográficas

Fontes Primárias

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Quintin Racionero. Madrid, Editorial Gredos, 1994.

ATENEO. *Banquete de los eruditos*. Tradução e notas de Lucia Rodrigues-Noriega Guillén. Madri, Editorial Gredos, 1998.

HERO(N)DAS. *Mimiambes e fragmentos mímicos*. Tradução, introdução e notas de José Luiz Navarro Gonzáles e Antonio Melero. Madri, Editorial Gredos, 1981.

HIPOCRATES. *Tratados Hipocráticos*. Edição de Garcia Gual. Madri, Editorial Gredos, 1993-2008. 8 v.

PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Introdução, tradução e notas de Maria Cruz Herrero Ingelmo. Madri, Editorial Gredos, 1994.

PLATÃO. *La Repubblica*. Tradução e notas de Mario Vegetti. Milão, BUR, 2006.

_____. *Gorgias*. Tradução, introdução e comentário de E. R. Dodds. Oxford, Claredon Press, 1959.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*. Tradução, introdução e notas de Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues. Coimbra, Clássica Digitalia, 2010.

Fontes Secundárias

BRANDÃO, J. S. (1987). *Mitologia Grega*. v. II. Petrópolis: Editora Vozes.

BOYASK, R. M. (2007). *Plague and the athenian imagination: drama, history and the Cult of Asclepius*. Cambridge, Cambridge University Press.

BURKERT, W. (1993). *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

BURKERT, W. (1991). *Antigos cultos de mistério*. São Paulo, Edusp.

COMMELIN, P. (2011). *Mitologia grega e Romana*. São Paulo, Martins Fontes.

CRAIK, E. (1995). Diet, diaita and dietetics. In: POWELL, A. *The Greek World*. Londres, Routledge, p. 307-402.

DIGNAS, B. (2007). A Day in the Life of a Greek Sanctuary. In: OGDEN, D. *A companion to Greek Religion*. Malden, Blackweel Publishing.

EDELSTEIN, L.; EDELSTEIN, E. J. (1998). *Asclepius: collection and interpretation of the testemonies*. Baltimore, The John Hopkins University Press.

_____. (1960). The dietetics of Antiquity. In: TEMKIN, O.; TEMKIN, C.L. *Ancient Medicine*. Baltimore, John Hopkins Press, p. 303-318.

van der EIJK, P. (2005). *Medicine and Philosophy in Classical Antiquity*. New York, Cambridge University Press.

GRMEK, M. (1983). *Les maladie à l'aube de la civilization occidentale*. Paris, Payot.

JOLY, R. (1966). *Le Niveau de la Science Hipoccratique*. Paris, Belles Lettres.

JOUANNA, J. (1992). *Hippocrate*. Paris, Fayard.

KLAUCK, H-J. (2011). *O entorno religioso do cristianismo primitivo: Religião civil e religião doméstica, cultos de mistérios, crença popular*. São Paulo, Edições Loyola.

MOYNIHAN, R.; WASMES, A. (2007). Vendedores de doença: estratégias da indústria farmacêutica para multiplicar lucros. In: PELIZZOLI, M. *Bioética como novo paradigma: por um novo modelo biomédico e biotecnológico*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 151-156.

SHAMPO, M. A.; KYLE, R. A. (1993). "Medical mythology: Hygieia". In: *Mayo Clinic Proceedings*, Rochester, v. 68, issue 5, p. 441.

STAFFORD, E. (2007). Personification in Greek religious thought and practice. In: OGDEN, D. *A companion to Greek Religion*. Malden: Blackweel Publishing.

WALTERS, H. B. (1899). "Athena Hygieia". In: *The journal of Hellenic Studies*, Cambridge, v. 19, p. 165-8.